

## A solidão da patrulha, na multidão de feirantes

2016/07/04 - 9:04pm

29 de Abril. É dia de mercado, o tempo continua primavera. Vamos às compras. Saint-Denis é mais do que um mercado. Por Liberato Fernandes.

*As verdadeiras feiras são aquelas para as quais a cidade inteira abre as suas portas(?). Paris domina as suas, reduz-las à dimensão de grandes mercados. Por exemplo a antiga feira de Lendit tem lugar em Saint-Denis, fora das muralhas. Há dados de sua realização desde o reinado de Carlos Calvo? no Século IX?*

**Fernand Braudel**<sup>1</sup>

29 de Abril. É dia de mercado, o tempo continua primavera. Vamos às compras. Saint-Denis é mais do que um mercado. Três dias por semana, os negócios tomam conta do centro da cidade e o mercado torna-se feira. Ao sair de casa, damos conta da diferença: maior movimento tendo como o destino principal a feira. Os toldos tomaram conta das ruas, os grupos, tornam-se multidão. A nossa guia vai encontrar-se com uma amiga, pelo que decidimos marcar encontro num café próximo do mercado.

Feirantes, vendedores e compradores são, na esmagadora maioria, de origem afro-magrebina, portugueses, espanhóis e da Europa de Leste. Os Jogos das Trocas<sup>2</sup>, uma das minhas leituras de viagem, descreve o papel das feiras na formação das cidades, e do capitalismo, na Europa. Imagino como seriam as feiras de Saint Denis, na idade média. Diz-nos Braudel, e confirma-nos qualquer historiador, que as feiras eram espaços cosmopolitas, de liberdade e de participação popular. Os mercadores medievais viajavam dumas feiras para as outras. A grande feira de Paris, de Saint Germain, realizava-se no atual centro histórico, era o ponto de encontro, para representações teatrais.

### A propaganda política na feira

Próximo do café encontram-se a distribuir comunicados dois grupos: o primeiro é, afinal, um isolado: mais de 50 anos, aparentemente, de origem europeia. Entrega-me, além do comunicado, um cartão com identificação completa: a edição é do Collectif Defense. Tem endereço postal e e-mail. O impresso que me dá para preencher faz-me perceber que se trata dum grupo que pretende legalizar-se como partido. Explico-lhe que estou de passagem e não sou cidadão francês. O comunicado tem como título, As Presidenciais: um obstáculo maior contra as reivindicações dos trabalhadores? é, também, extenso no conteúdo. Identifica o grupo como organização operária, revolucionária e marxista e, afirma-se contra a proposta da lei do trabalho de Khomri<sup>2</sup>. O Coletivo<sup>3</sup> critica em todas as frentes: a Frente

Nacional, os Gaullistas, o Partido Comunista Francês, o reformismo dos sindicatos... com tanta crítica terá dificuldade em obter apoio para passar a partido. Das poucas pessoas que recebem o folheto parte, deitam-no fora.

O outro grupo é um sucesso: duas mulheres jovens (30/40 anos), bem apresentadas e apresentadas (roupas que realçam a beleza, sem exibicionismo...), e um homem que, em Portugal, seria identificado como cabo-verdiano, com as mesmas características das colegas. Também bem apresentado. Começam por abordar as pessoas, cumprimentando e convidando a participar num encontro que se realizará nas Portas de Saint Denis. Só entregam o folheto a quem pede. O texto está escrito apenas num dos lados, metade do espaço é título e convite para o encontro... pouco entendido em francês leio-o facilmente. Trata-se de um bom exemplo de eficácia na comunicação:

### **?Non à la guerre? ?Non à l'état d'urgence?, e ?Non aux racismes?**

O Non, é único para as três palavras de ordem. Quem o recebe, guarda-o. Eu, como outros, peço mais um folheto. As distribuidoras, e o distribuidor, estão ?como peixe na água?. Com o grupo está sempre alguém a conversar. Em síntese, o texto diz:

*?O estado-francês faz parte do grupo de estados envolvidos, e implicados, nas guerras que destroem o médio oriente (Afeganistão, Iraque, Síria, Líbia e Palestina) e, em África (Mali, Costa do Ouro, República Centro Africana e Tchad);?*

*?Esta guerra que afeta o estado francês no exterior afeta também, no interior do seu próprio território, nomeadamente a população dos bairros populares: violências policiais, invasão de residências, ameaças de retirada de cidadania, destruição de serviços públicos e a prática de crimes securitários e racistas?;*

*?As populações oriundas das antigas colónias continuam estigmatizadas, vítimas da discriminação islamofóbica, negrofóbica e romofóbica<sup>3</sup> (?) causando incalculável dano nos direitos humanos.?*

Regressando ao café observo o aproximar duma patrulha militar de armas prontas a disparar. A patrulha passa próximo do grupo de propaganda contra a guerra, mas os militares olham a multidão sem, aparentemente, ?ver? o grupo agitador, que irradia segurança e simpatia e, também a ignora.

Vamos ao mercado. É um mercado pequeno, para a dimensão do lugar, a importância deve-se ao fato de servir de base à feira. É um mercado para pobres, com talhos, peixarias e bancas especializadas em servir pobres. Nas bancas das aves, abundam as miudezas (o frango é caro!). Nas bancas das carnes, abundam os ossos. Uma pequena multidão cercava um local de venda de iogurtes, no último dia do prazo: 18 iogurtes, 1 euro!... Na rua, abundam vendedores furtivos, homens e mulheres, oferecendo aos potenciais clientes pequenas espetadas de carne grelhada, pastéis, ervas aromáticas. Percebe-se a inquietação porque se tratam de vendedores ?sem papeis?. Pelo mercado-feira de Saint Denis dá para perceber como sobrevivem nas grandes cidades da Europa milhões de desempregados, emigrantes e refugiados.

A ida à feira permite ver os diversos medos: o medo dos vendedores sem papéis; o medo da patrulha militar, solitária, que apesar de fortemente armada, não se sente segura ao atravessar uma multidão hostil. Um medo que contrasta com o à vontade do grupo que faz propaganda contra a guerra, o estado de emergência e o racismo.

Há milhões de trabalhadores e desempregados que receiam passar à situação de descartáveis, a que se soma a tragédia da guerra. Em todas estas situações o estado francês, e a União Europeia, têm responsabilidades. O medo e a insegurança vai para além do medo ao bombismo e está a pôr em causa a ordem, e o sistema injusto, em que assenta o estado francês.

*Artigo de **Liberato Fernandes**, publicado a 28 de junho no ?Diário dos Açores?.*

---

1 Fernand Braudel, historiador, em ?Os Jogos das Trocas: Civilização Material, Economia e Capitalismo? entre os séculos XV e XVII.

2 Miriam El Khomri é ministra do governo de Hollande, autora do projeto de lei laboral que radicalizou as lutas sindicais e estudantis em França. Conseguiu unir todos contra ela, menos a direita e a extrema direita que quer que o governo aprove a lei, sem que eles se machuquem...

3 Romii: população de etnia cigana, que vive em Saint Denis, com origem na Europa de leste.

Artigos relacionados:

O Coração da Europa em tempo de crise - Greve Geral <sup>[1]</sup>Saint Denis ? De pé, contra a nova lei do trabalho e o estado de emergência <sup>[2]</sup>Paris ? O coração da Europa em tempos de crise <sup>[3]</sup>  
Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**Source URL:** <http://www.esquerda.net/en/artigo/solidao-da-patrolha-na-multidao-de-feirantes/43546>

**Links:**

[1] <http://www.esquerda.net/en/artigo/o-coracao-da-europa-em-tempo-de-crise-greve-geral/43365>

[2] <http://www.esquerda.net/en/artigo/saint-denis-de-pe-contra-nova-lei-do-trabalho-e-o-estado-de-emergencia/43226>

[3] <http://www.esquerda.net/en/artigo/paris-o-coracao-da-europa-em-tempos-de-crise/43225>